



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

O MOFINO DO CHINÊS

Por ANÃO SABICHÃO

DESENHOS DE A. CASTAÑE

FFRANQUEZA, franquezinha, desta vez, o vosso anão viu-se em sérios embaraços, por causa dum rapazinho desleixado que muito ralava a família com os seus desmazelos!

Era um verdadeiro trabalhão pôr em ordem a barafunda em que aquêle diabrête deixava sempre os livros e cadernos!

Ora eu, que trato, constantemente, de pôr a direito meninos que andam fóra dos eixos, parafusava, há que tempos, na maneira de endireitar êste Zézinho tão desmazelado.

Até que um dia, estava êle á mesa de estudo e, conforme o costume, abria a bôca, muito aborrecido, completamente desinteressado pelo desinho que principiara a fazer a tinta da china.

Olhava a canêta, olhava o caderno, olhava o páusinho de tinta e ficou, por fim, muito entretido a mirar e a remirar o soberbo chinês dourado, de grande rabicho, que lá estava pintado.

E como se distraíra, com o aparo no ar, um borrão caíu e logo emporcalhou a fôlha limpa que tinha na sua frente.

— Que maçada! — exclamou o Zézinho, atirando a canêta para o lado e o caderno para outro. — Foi aquêle maldito chinês, o culpado desta porcaria!

E, num gesto impaciente, desarrumou mais papelada e, depois de deixar tudo numa grande desórdem, ia levantar-se, muito despreocupado e indiferente.

Então, o vosso anãosinho do que se lembrou? De se meter no corpo do tal chinês dourado. Este, num instante, aumentou, tomou vulto, e ainda o Zézinho não tivera tempo de se pôr de pé, já o seu rabicho, que se tornara pesado como uma tranca de ferro, caíu, de improviso, sôbre o rapaz, impedindo-o de sair dali.

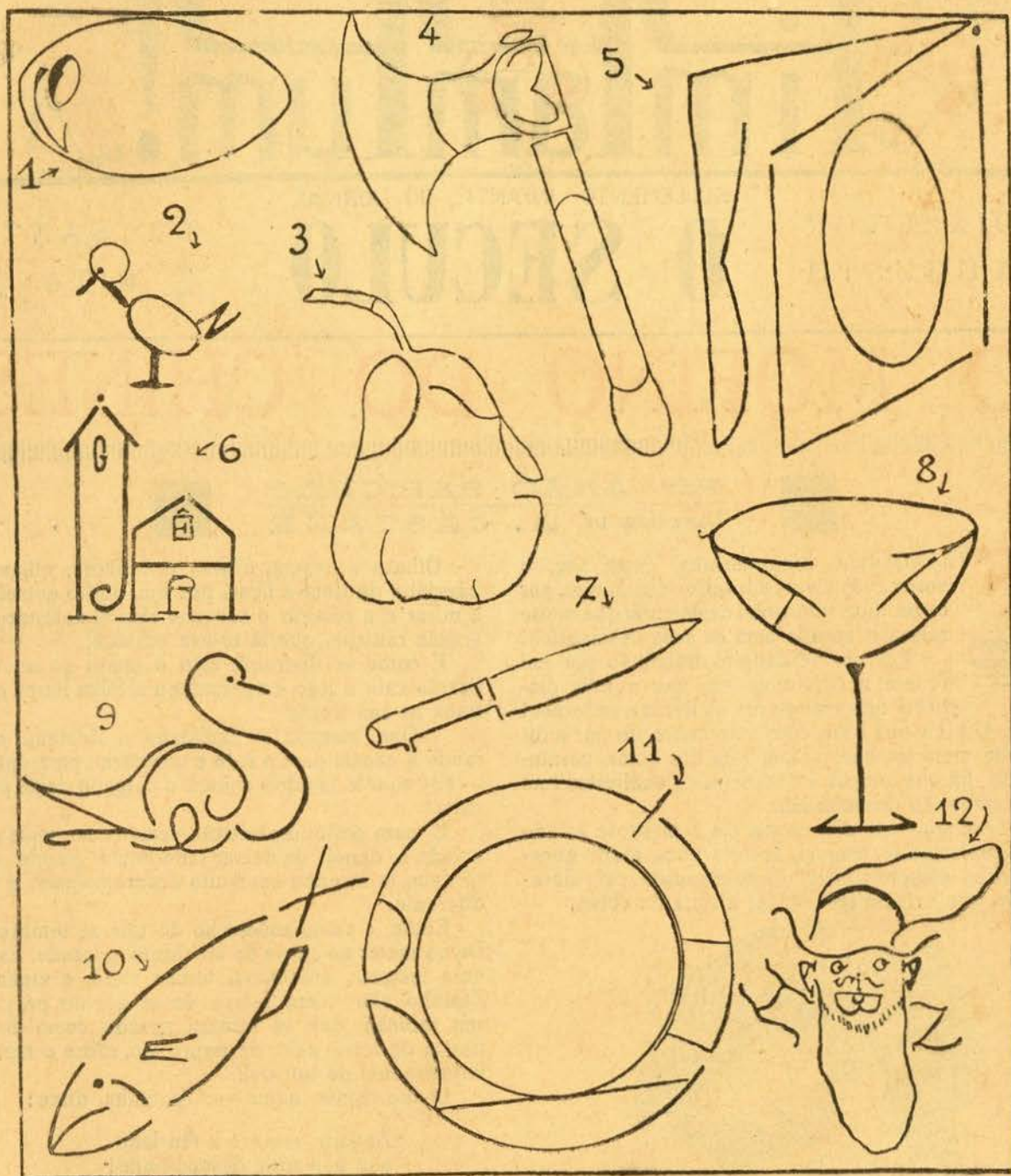
O dito chinês, numa voz roufenha, disse:

Andarei sempre a teu lado
p'ra não ser's desmazelado!
Quando tu te levantares,
sem os livros arrumares,

(Continua na página 5)



O NOSSO CONCURSO DE AUTO-EMBLEMAS



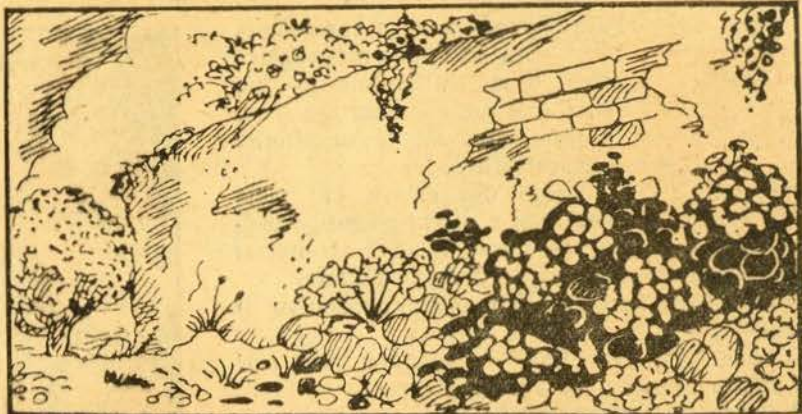
1—Ovo, de Luiz Lomba. 2—Pinto, de Dagmar de Jesus, 3 e 4—Pêra e machado, de Ferreira Lapa. 5—Livro, de José Mil Homens. 6—Igreja, de João Iria Alves. 7—Fáxa, de Mario Pereira Bizarro. 8—Taça de Maria Odette da Cunha. 9—Cisne, de José Amaral de Campos. 10—Peixe, de Aura Fernanda Palma Rocha. 11—Prato, de (Arim) Luis Rosa Lopes. 12—Anão Sabichão, de Celeste Ribeiro Varela.

Em virtude da afluência de provas a êste concurso, só no próximo número nos é possível dar o apuramento final e nêle daremos, ainda, a reprodução de novos auto-emblemas.

O MURO E A SARDINHEIRA

Por LAURA CHAVES

NAQUELE muro velhinho,
caído sobre o caminho,
muito cheinha de vida,
fresquinha, alegre, garrida,
vivia uma sardinheira
que, resistindo à poeira,
ao sol, à chuva e ao vento,
cheia de força e de alento,
dava a nota de carinho
àquele muro velhinho.



Vestida de côr de rosa,
pobrezinha, mas vistosa,
era um riso de alegria
que ria de noite e dia.
E o velho muro, esboroado,
olhava, sempre enlevado,
essa neta tão franzina
que vira, de pequenina,
crescer, tornar-se formosa,
vestida de côr de rosa.

Adorava a sardinheira.
Era a sua companheira...
Pensava, às vezes, com dó:
«É tão nova e está tão só!
Precisa outra mocidade!...»
Ela, alheia à sua idade,
a cada riso que ria
nova flôr lhe oferecia!
E o muro, numa cegueira,
adorava a sardinheira.

Tôda vida, tôda encanto,
cresceu tanto, tanto, tanto,
que dêsse muro velhinho
não se via um bocadinho.
Mesmo a parte que caíra
ela de todo a cobrira.
Debaixo de tal matiz
como o muro era feliz!
Ninguém tinha assim um mano
todo vida, todo encanto!...

A gente, que ali passava,
era certo que parava
e o velhinho, então, ouvia
o que essa gente dizia:
— «Reparem nas sardinheiras!
São mais lindas que as roseiras.
Há na sua singeleza,
mais frescura, mais beleza! —»
Por isso o muro estimava
a gente que ali passava.

Quando o sol no céu surgia,
gritando: — Acordem! É dia! —
enxotando a escuridão,
o muro, numa aflição,
temia que a sardinheira,
exposta, assim, à torreira,
perdesse a sua frescura.
Ai, que tremenda amargura
o muro velho sentia
quando o sol no céu surgia!

Tinha medo aos elementos.
Se a louca fúria dos ventos
alguma flôr arrancava,
era ele quem chorava,
porque a linda sardinheira,

sempre alegre, galhofeira,
ria para o vendaval!
Nem sequer dava por tal!
Só êle, o muro, em tormentos,
tinha medo aos elementos.

À noite, ao vir o luar,
pelo campo a andar, a andar,
no seu passinho seguro,
se poisava sobre o muro,
envolvendo-o em seu palor,
logo o pobre, num terror,
lhe dizia amargurado:
— «Cuidado luar, cuidado!»
Nem podia sossegar,
à noite, ao vir o luar.

A-pesar-do sofrimento,
o muro, a todo o momento,
agradecia ao Senhor
a graça daquela dor:
— «Sofrer, assim, por alguém
é um mal que nos faz bem!
Ela é tôda a minha vida
e a minha alma, embevecida,
vive dêsse encantamento,
a-pesar-do sofrimento. —»

Lá de cima, lá dos céus,
suas graças ouviu Deus
e vendo a linda maneira
como aquela sardinheira
o velho muro ratava,
o carinho que lhe dava,
Sua bênção lhes lançou
e sempre os dois amparou...
pois tudo, tudo, vê Deus,
lá de cima, lá dos céus.

.....
Tem uma bela verdade
esta história que vos disse
e que é bom nunca esquecer
— quando há uma mocidade
que dá carinho à velhice,
nada custa envelhecer! —



O PATO MARRECO QUERE SER CANTOR

Por LEONOR de CAMPOS
Desenhos de A. CASTANÊ

Pato Marreco andava aborrecido.

— «Ora esta?! — monologava êle, de má catadura. — Porque será que me chamam *marreco*, a mim, que sou tão direitinho e escorreito?...»

Nêsse dia estava êle mais uma vez a discutir consigo próprio os porquês do seu nome, quando aconteceu passar perto da capoeira o Pardalito Maroto.

— Bom dia, amigo Pato, — cumprimentou o Pardal.

— «Bom dia, Pardalito» — respondeu, num *cuá cuá* muito aborrecido, o Pato Marreco.

O Pardal estranhou o mau humor do amigo:

— «Que tens tu? Estás doente ou caiu-te um dente?»

— «Dentes? Era bem bom que os tivesse — resmungou o Pato. — E continuou:

— «Não brinques, Pardalito. O caso é sério. Estou devéras mal disposto, e até... um tanto neurasténico!... Sabes porquê?»

— «Não! Mas tu dirás, Marrequinho!»

— «*Marrequinho!*? Pois é exactamente por isso!... Já estou farto... farto, até à raiz das penas, de ser chamado *marreco*. Com franqueza, Pardalito, tu achas que eu tenho qualquer semelhança com o Camêlo?»

— «Palavra que não! — respondeu, a rir, o Pardalito. — Para te dizer a verdade, a verdade inteirinha: Tu não és lá muito, muito, direito, isso não! Mas o Camêlo é bem mais *marreco* que tu... e ninguém lho chama!...



— «*Tá claro!*» — concordou o Pato, muito contente com a resposta do amigo. E depois duns momentos de reflexão, acrescentou:

— «Sabes, Pardalito, do que me lembrei?»

Queria arranjar um ofício, um ofício qualquer, banheiro, caçador, guarda-nocturno, ou outro. Talvez depois deixassem de me chamar Pato Marreco e passasse a ser conhecido pelo Pato Caçador ou Pato Banheiro, etc. Que dizes?»

— «Rica lembrança» — aplaudiu o Pardal, entre gargalhadas.

De súbito, no silêncio da manhã, ouviu-se um trinado muito doce, muito suave, muito agradável. Era a Toutinegra que dava os bons dias à passadeira amiga. O Pardalito teve uma idéia:

— «Escuta, Pato Marreco! E se te fizesses cantor?»

— «Oh! — respondeu o Pato —, Isso era o meu ideal! Mas, como, se não tenho voz?!»

— «Isso é o menos! — retorquiu, malicioso, o Pardalito. — Pedes à Toutinegra que te dê lições de canto e, dentro em pouco, podes até dar um concerto!...»

— «Tens razão! Vou falar à Toutinegra!»
E alçando a voz, chamou:

— «O Senhora Toutinegra,
cantora de mui talento,
quere fazer-me o favorzinho
de vir falar-me um momento?»

(Continua na página 8)





O MOFINO do CHINÊS

(Continuado da página 1)

logo irá o meu rabicho,
que, por feitiço e capricho,
tratará de te filar,
de te fazer arrumar
o que tu tiveres deixado,
para um e outro lado!

Era ver o Zézinho, furioso, a rabiá, mas sem poder livrar-se do arreliento chinês que o obrigava a pôr tudo em ordem.

O rabicho é que dirigia a manobra, quere dizer, fazia com que as mãos do pequeno colocassem tudo no seu lugar!

Mas, enquanto se via forçado a obedecer, à viva força, o rapaz ia berrando, desesperado:

— E' estúpido, é má rez,
éste maldito chinês!
Quem joga com êle perde,
porque é o rei dos velhacos!



Que vá pentear macacos,
p'rás bandas de Cabo Verde,
porque tem esta mania,
que muito e muito arrelia,
de ver tudo arrumadinho!...
Dou-lhe um murro no focinho
e deito-o, depois, ao lixo,
êle e mais o seu rabicho,
essa melêna atrevida,
que me anda a estragar a vida!

Já tudo estava muito bem arrumado e ainda o Zézinho berrava, fóra de si.

Então, o mofino chinês atirou o rabicho para a boca do Zézinho e tantas voltas o obrigou a dar à língua que o rapaz não parou a sua ingrezia, mas as palavras que proferia, eram a contradição de tudo o que até ali dissera.

Assim, gritava:

— Não é nada uma má rez
éste bondoso chinês,
quem joga com êle ganha.
E' o rei da arrumação!
No seu convívio se apanha
muito bôa educação!
Tem a mania — coitado —
de tudo ver arrumado!
Eis o meu grande desejo:
dar-lhe beijo, sôbre beijo,
e, para recordação
do bondoso cidadão,
— porque sei que êle me deixa!
vou pedir-lhe uma madeixa,
para eu guardar num nicho,
do seu tão lindo rabicho!

Logo, por artes de *berliques e berloques* a madeixinha caíu nas mãos do Zézinho. O rapaz olhava-a, muito pasmado, e assim esteve um rôr de tempo, com um ar apavilhado, sem saber que pensar do caso extraordinário!

(Continua na página 7)

AS TRÊS RESPOSTAS DO ZÉCA

POR ANIBAL NAZARETH

I
Com cinco anos, o Zéca, não pode ter um tostão! E chega a sêr uma séca, pois gasta no pasteleiro o dinheiro que lhe dão!
— Só por bôlos, o brêjeiro.
E o papá, p'ró ensinar, quiz há dias preguntar:
— Sabes onde vão parar os meninos que são tôlos, que gastam dinheiro em bôlos, e não gostam de poupar?



E o Zéquinha, sem pensar, respondeu, com ironia:
— Pois claro que sei! Vão todos parar à pastelaria!

A mamã, enternecida, diz-lhe, então:--Vem a meus braços! Vou dar-te muitos abraços, porque é paga merecida; andaste com muito tino!... Dize-me, agora, meu filho, O nome dêsse menino?

não gosta de ouvir gritar... E há dias,—não mais me esquece! enquanto o mano adormece, foi ao papá preguntar:

II

Ontem, a mãe de Zéquinha, perguntou-lhe, de surpresa:
— Fizeste fôsse o que fôsse, êste meu dedo, adivinha!
Diz-me:— O que é feito do doce que eu tinha, em cima da mesa?

Mas vermelho, qual romã, o Zéquinha, respondeu:
— Esse menino, mamã, êsse menino... sou eu!



III

E o Zéca, naturalmente, disse:— «Perdôa, mãisinha, dei a um pequeno, coitado, que tinha muita tominha; que ficou muito contente e feliz, por ter papado!»

Tem o Zéca um irmãosinho que tem três meses sómente. E' pequeno, coitadinho, e chora constantemente! O Zéquinha, ao que parece,

— «O meu mano pequenino, que grita, num desatino, veio do céu para cá, não é verdade, papá?»
Logo o papá respondeu:
— Sim! Mandaram-no do Céu!

Calou-se o Zéca. Porém, quando viu chegar a mãe, disse, com modos pasmados:
— «Hum... Pelos vistos, no Céu, gostam de estar sossegados!...»



■ F I M ■

O CESTINHO DA COSTURA

Querida Edith

Tardou a chegar a tua vez, mas, finalmente, aí tens a boneca e o cão, tudo no mesmo desenho como pediste!

O ponto que melhor convém para bordar bonecos é o ponto pé de flôr, portanto é esse que irás aplicar.

Fazes o fato com linha brilhante D. M. C. em côr de rosa e guardanecos as barrinhas, gola e nósinhos em azul escuro.

Para o cabelo, escolhes um castanho dourado. A cara, mãos e pernas são em côr de carne. Meias côr de rosa e sapatos pretos. O pândego do Tóto que parece tão amuado por se vêr prêso, é de côr castanha escura e o seu laçote é encarnado. A coluna é preta.

Dize-me se gostaste e recebe um grande abraço de

Abelha Mestra

MARIA DA CONCEIÇÃO FEIO—O teu pedido será satisfeito no próximo número.

SUZETINHA E JULIA — Teem ainda de esperar algum tempo pela vossa vez.

AVISO ÀS ABELINHAS—Os pedidos não podem ser satisfeitos com a urgência sempre desejada, porque são muitos e teem de esperar a sua altura.



O MOFINO do CHINES

(Continuação da página 5)

Se lhes parece!...

Aquilo era de se ficar mesmo parvinho de todo!...

Porque o chinês voltou à sua imobilidade, gravado, como estava antes, no pau da tinta mas, nas mãos do Zézinho, a madeixa ficou como prova de que não fôra um sonho tudo o que sucedera!

É o mais raro da história, é que o pequeno, cheio de superstição, arranjou o tal nicho que prometera ao chinês, para ali meter a sua madeixa.

O pau de tinta com o mofino chinês e a madeixa dentro do nicho, encontravam-se sempre sôbre a mesa de estudo de Zézinho.

São êles o talisman que o tem obrigado a tornar-se um exemplo de arranjo e método!

Não vá o chinês mexer-se, outra vez!... Se êle hoje lêr o que aqui fica escrito, teremos o caldo entornado?

CHARADAS COMBINADAS

+ lo — Estampilha
+ bo — Cano
+ a — Granada

Conceito: Terra portuguesa

+ zil — Nação
+ lo — Ave de capoeira

Conceito: Terra portuguesa

+ ra — Época
+ o — Ascensão
+ to — Animal roedor

Conceito: Terra portuguesa

+ to — Vestê
+ ca — Brinquedo de bébé

Conceito: Terra portuguesa

+ co — Vazio
+ zio — Oco
+ â — Batráquilo

Conceito: Terra portuguesa

+ lo — Formoso
+ ula — Prisão

Conceito: Terra portuguesa

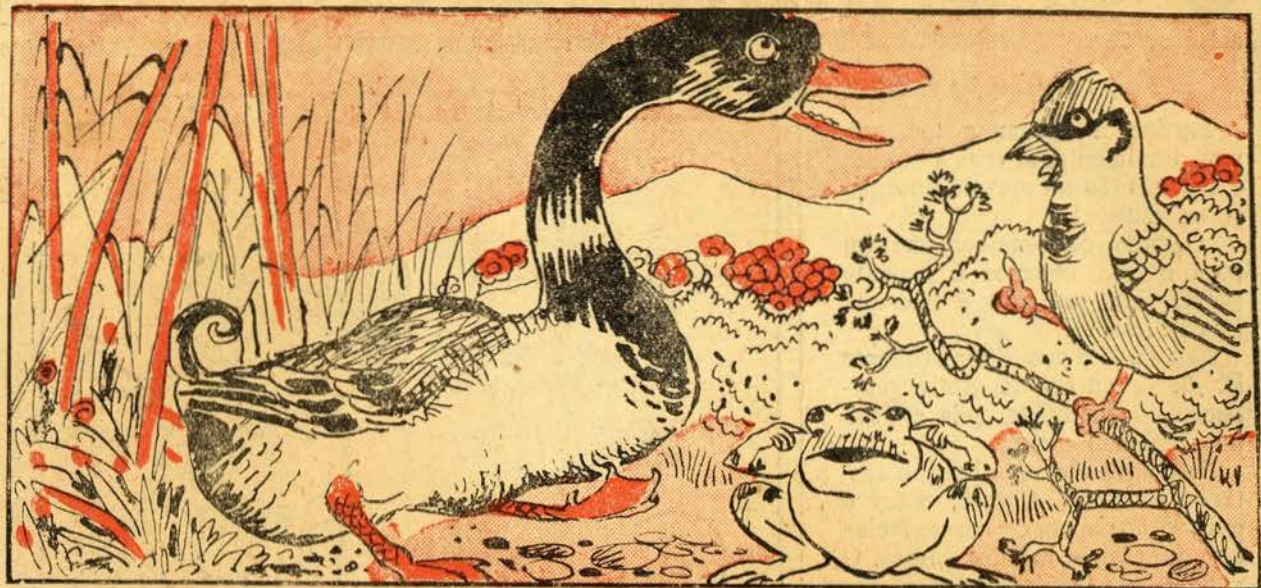
CHARADAS EM FRASE. — Solução das anteriores: 1 — Atropelamento, 2 — Chinelas, 3 — Guarda-pó, 4 — Maratona, 5 — Beladona,

CHARADAS COMBINADAS. — Solução das anteriores: 1 — Alameda, 2 — Guardanapo, 3 — Lotaria.

Solução do enigma: Pinoca,

Não o creio!...

Tenho fé que o Zézinho ache por bem tudo o que êste Anão fez em seu favôr e já tenha tanto gosto pela ordem que nunca mais quererá ser um desordenado!



O PATO MARRECO QUERE SER CANTOR

(Continuado da página 4)

Em dois saltinhos, a Toutinegra veio empoleirar-se no muro da capoeira,

— «Que deseja?»

— «Desculpe o atrevimento!...
Cuá cuá cuá cuá cuá cuá!...
Quero pedir-lhe o favor
De me dar lições de canto...
Cuá cuá cuá cuá cuá cuá!...
... Pois desejo ser cantor!...»

— «Ah! Ah! Ah!... — gargalhou a Toutinegra — Ora, senhor Pato Marreco, se não tem



que fazer peça um garfo de ferro à cozinha e entretenha-se a frizar e a desfrizar o caracolinho que tem na ponta do rabinho!...»

E a trocista afastou-se, a rir com gosto, enquanto o Pardalito ria também, sem poder conter-se. Só o pobre Pato Marreco, muito enfiado, não sabia se havia de rir ou chorar.

Por fim, não podendo por mais tempo suportar as risotas do Pardalito, zangou-se:

— «Basta, Pardalito!... Muito riso, pouco siso!...»

— «Tens razão, amigo Pato. Mas também há-de concordar que a Toutinegra teve pilhas de graça!... Aquela do garfo para frisar o teu caracolinho...»

E o Pardal sufocava, a rir!... Só parou quando o Pato, já com bico de poucos amigos lhe declarou:

— «Pois sim! Tudo isso é muito engraçado!... Mas o pior é que fico sem lições. E desta forma nunca virei a ser um cantor!...»

— «Ora espera! — Lembrou o Pardal —. Não te aflijas, que tenho uma idéia. E se, em vez da Toutinegra, fôsse eu o teu professor?»

No dia seguinte, à hora do concerto, as imediações da capoeira, ofereciam um aspecto deslumbrante:

Dezenas de passarinhos, empoleirados nos muros e nas árvores da quinta, chilreavam dôcemente. O Cão, um pouco afastado da capoeira, dando-se ares importantes, preparava-se para dar o sinal de começar, enquanto o gato, o porco, os coelhos, as galinhas, perús e galos se empurravam e atropelavam em busca do melhor lugar.

Nisto, apareceu o Pato Cantor. De casaca e uma flôr na lapela, tossiu, aclarou a garganta... e esperou o sinal de começar. E apenas o Cão rosnou:

— «Pode começar!...» — o Pato anunciou:

— «Vou cantar, para Vossas Bichezas, o célebre *Vira*, da *Sevéra* que eu aprendi à fôrça de o ouvir cantar, todo o dia e toda à noite, à Ana cozinha:

Na próxima semana contarei aos meus leitores a continuação desta história.